



Dinâmica Espírita

REVISTA Nº 93

Fevereiro/2023

Curta nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/ceamorepaz>

Reconciliação

Romance do espírito Antônio Carlos psicografado por Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho.

Esta belíssima narrativa do espírito Antônio Carlos, Reconciliação, revela uma magnífica lição de amor, perdão e espiritualidade. Relata que na grande maioria, as relações consanguíneas vêm materializar necessidades e compromissos estabelecidos no mundo espiritual, é preciso entender e principalmente, aceitar o compromisso.

“Nos momentos difíceis, ore!” Raul parecia escutar as recomendações de sua avó Margarida.

Com muitas dores e sem saber exatamente onde estava, Raul reconheceu o poço seco, perto do qual consumava brincar.

Apavorado quis chorar, mas não conseguia. Apesar disso, lembranças surgiam de sua breve vida de 12 anos.

Estava dentro desse poço, sobre o corpo de sua mãe, depois de esfaqueados pelo próprio pai durante um passeio no campo.

Manuel, autoritário e violento, surrava-o vez por outra sem motivos aparentes. Sentia a falta do amor de seu pai.

Foi feliz enquanto morou com sua avó materna Margarida. Depois de sua morte foi morar com seus pais e duas irmãs, Thaís e Telma, e também Pretinha a empregada da casa. Sentia a diferença de tratamento que dispensava a elas em relação a ele.

No momento em que se deu conta da situação, Raul sentiu o ódio de seu pai, mas não sabia o porquê. Apesar disso, o perdoou de coração em prece.

Assim, confortado e confiante, foi resgatado por Margarida em direção a uma das moradas espirituais, linda e acolhedora. Estava agora, em um hospital para se recuperar, por ter perdoado seu pai.

Após algum tempo, foi levado a uma escola para crianças e jovens, o Educandário, onde as salas de aula eram agrupadas de acordo com as necessidades básicas de cada um.

Feliz estava por estar desencarnado, morando com sua querida avó e com muita vontade de aprender e conhecer!

Na sala de aula, cada um tinha uma história incomum, consequência de erros de outras experiências.

O desencarne não é igual para todos, razão pela qual Raul não conseguia ver sua mãe.

Todas as religiões pregam a necessidade de sermos bons e sobretudo, perdoar, perdoar sempre. Manuela não perdoou e por isso não estava no mesmo local que Raul e Margarida.

Repetia que queria se vingar, que odiava o esposo. Na verdade, pensava que ainda estava encarnada e sua vibração era muito baixa.

Aprendendo ...

“O grande aprendizado é confiar e saber que nenhum estado é eterno. E o trabalho é a alavanca do Progresso Espiritual!”

“Tristezas não ajudam, só atrapalham; devemos ser alegres! Alegria é um estado, é um modo de ser que devemos conquistar!”

“Episódios tristes só devem ser lembrados para servir de estímulo e nos manter firmes na estreita porta do Bem!

“Os sofrimentos são lições que aprendemos pela dor quando nos recusamos a aprender pelo Amor! Devemos aceitá-los, porque Deus é justo e devemos nele confiar!”

“A prece sincera nos dá a tranquilidade necessária.” Devemos pedir o que necessitamos em orações, com humildade e não com trocas. Não condicionando a receber isto ou aquilo.”

“O objetivo dos bons espíritos, quando ajudam, é a melhoria de cada um, o aumento da fé e da confiança, para que se tornem mais conscientes das forças do Bem!”

“Perdoar faz com que nos desliguemos de quem nos ofendeu.”

Pai, mãe e o menino Raul estavam presos pelo ódio e o círculo se desvincularia com o perdão.

“Todos nós estamos na Terra para aprender, amar, crescer e caminhar para o progresso.”

Raul desejava ajudar sua mãe, mas foi orientado por seu professor, Eugênio, que somente a vontade não bastava.

Seu ferimento sangrava muito porque ela o alimentava e o conservava com o seu rancor.

Em um primeiro encontro, Raul não conseguiu convencer Manuela a perdoar Manuel. Pela baixa vibração, ainda se julgava encarnada e desejava vingança.

“O Amor, como Jesus ensinou a Pedro, cobre multidões de pecados; devemos cultivar, fortalecer a esperança em construir, realizar e crescer para o progresso!”

O Louco, rapaz acusado injustamente, pelo crime cometido por Manuel, está preso por um crime que não cometeu nesta existência, mas pelo que fez no passado e não pagou.

João Felipe fugiu de suas responsabilidades e culpou outro; hoje acontece com ele o que fez no passado.

“As Leis Divinas são muito justas e podemos ter consciência disso, conhecendo a Lei de Causa e Efeito. Ninguém pode dizer que é injusto o sofrimento, como não é o de João Felipe, o Louco.”

“Perdoar é um ato de Amor!”

O remorso não deve ser negativo; nosso arrependimento deve ser positivo, não de autopunição e sim de reparação, construção! Devemos saber perdoar a nós mesmos!”

Raul foi levado ao Ministério da Reencarnação, onde Dr. Sallus o ajudaria a recordar o passado em uma pequena tela. Mas nem seria preciso já que estavam na mente do jovem como se tivessem acontecido há poucas horas.

Foram muitos os erros, acertos e negativos ao chamado do Bem.

Todos os envolvidos, nas três últimas encarnações, tinham nomes diferentes, mas para facilitar a narração, foram usados os nomes já conhecidos:

Raul e Manuel faziam parte de um bando de ladrões, de pequenos roubos que em dado momento, algumas mulheres se juntaram a eles. Entre elas, Manuela, por quem ambos se apaixonaram, resultando em muitas brigas e rancor.

Desencarnados ficaram na erraticidade, a vagar, quando benfeitores os levaram a reencarnar.

Ano 1615, Inglaterra onde renasceram. Manuel era filho de um fazendeiro e Raul, simples empregado.

Com a morte dos pais, Manuel herdou a fazenda e se casou com Manuela. Ao vê-la, Raul se interessou por ela, sentindo que a amava. Manuela logo percebeu seus olhares.

Vários anos se passaram e a situação financeira de Manuel começou a declinar assim como seu casamento. Muitas brigas entre eles e Raul sem coragem de se aproximar, achava que ela o amava, embora nunca houvesse uma conversa mais íntima.

Manuel percebendo a ligação entre eles, depois de discutir com a esposa, veio furioso ao encontro de Raul. Trocaram ofensas e depois de um empurrão, Raul bateu a cabeça em um carrinho que transportava pedras, vindo a desencarnar instantaneamente.

Embora Manuel não quisesse matá-lo, contou a todos que Raul morrera vítima de um ataque cardíaco.

Quando Raul tomou consciência de seu estado, já desencarnado, voltou à fazenda, aproximando-se de Manuel, a quem passou a odiar ainda mais.

Manuel e Manuela não tinham religião, brigavam muito e tinham muitas dívidas. Raul encontrou o ambiente propício: ficou muitos anos com eles, ajudando Manuel a perder tudo e a não ter paz um só momento por causa de brigas constantes entre o casal.

Desencarnaram. Manuel e Raul passaram a brigar com furor nos umbrais. Depois de anos, já cansados e desiludidos, foram socorridos.

Souberam que voltariam a reencarnar, novamente na Inglaterra, como irmãos carnis, tendo assim a oportunidade de se reconciliarem.

A família era muito religiosa e de bons costumes. Embora seus pais os motivassem, não os seguiram na religião, gostando muito de farras e bebedeiras.

Manuel, dois anos mais velho que Raul, ainda jovem, casou-se e tiveram três filhos. Raul, permaneceu solteiro com muitos amigos a farrear.

Logo após o casamento, Manuel passou a morar com o sogro em uma chácara perto da cidade. Com a morte deste, passou a administrá-la, plantando hortaliças e frutas, o que lhe rendia um bom dinheiro.

O pai de Raul e Manuel, que era ferreiro, passou a trabalhar com Manuel.

Nessa época, mudou-se para a cidade uma família com uma filha que se chamava Manuela. Logo Raul e Manuel se apaixonaram por ela, embora esse último, fosse casado. Ela correspondia à corte dos dois. O ódio reapareceu e começaram a brigar e se agredirem.

Embora Raul quisesse realmente se casar, ela se tornou amante de seu irmão, o que causou muita tristeza a seus pais e à sua cunhada.

Logo após o nascimento de um filho com Manuel, Manuela demonstrou ainda cultivar paixão por Raul. Decidiram, então, fugir juntos, mas para tal, Raul arquitetou um plano para matar o irmão, sem que fosse preso. Deveria parecer um acidente...

O que Raul não esperava é que na data escolhida, Manuel estava acompanhado de seu filho de cinco anos. Pedras rolaram sobre a carroça em que se encontravam, levando-os à morte. Foi uma tristeza muito grande a toda família, sobretudo à sua cunhada e aos seus pais.

Raul e Manuela continuaram a se encontrar embora ele se sentisse intranquilo com o sofrimento de seus pais. Acreditava que sua mãe desconfiava de alguma coisa.

Decidiram, então, partir para Lisboa onde morava um irmão de seu pai. Manuela foi primeiro com seu filho, às escondidas, e Raul logo em seguida. Alugaram uma casa mobiliada, Raul arrumou emprego e logo tiveram um filho.

Entretanto, Vitória, a filha do dono do armazém em que Raul trabalhava, se interessou por ele e quis casar. Manuela, depois de muitas brigas, acabou concordando já que Raul dizia amar Vitória.

Na véspera do casamento, Vitória e seus dois irmãos, receberam herança de uma tia solteira. Um de seus irmãos quis vir ao Brasil a fim de comprar terras; Vitória e Raul decidiram acompanhá-lo. Generosa, Vitória deu dinheiro a Raul para que ajudasse Manuela e a deixasse para sempre. Faltando três dias para a partida, o filho de Raul e Manuela morreu.

Chegando ao Brasil, foram direto ao Rio de Janeiro à procura de terras para comprar. Seu cunhado logo encontrou uma fazenda onde todos foram morar até que Raul encontrasse algo para eles. Acabaram indo para o interior e Vitória já esperava um filho.

Raul não gostava de recordar o passado procurando até não manter contato com seus pais, saudosos e doentes. Pesadelos se tornaram frequentes e Raul a se isolar a cada dia, até de sua esposa, com quem teve cinco filhos, três meninos e duas meninas.

Logo seus pais faleceram; primeiro seu pai e depois, sua mãe.

Quatorze anos se passaram desde que cometera os assassinatos de seu irmão e sobrinho.

Até que certo dia, uma mulher andarilha o procurou na fazenda. "Magra, mal-vestida, com muitos cabelos brancos, pálida e com dentes estragados." Era Manuela!

Contou-lhe sua história até retornar ao Brasil e procurar por ele. Não sabia onde encontrá-lo, até que no Rio de Janeiro, num encontro casual com o cunhado de Raul, que não a conheceu, ele indicou-lhe a fazenda.

Pedi ajuda para que cuidasse de seu sobrinho, que agora morava com uma senhora na cidade do Rio. Raul a instalou em uma casa na fazenda, visitando-

a diariamente, até que passados oito dias, Manuela morreu. Ele internou o

menino, agora com quinze anos num colégio onde estudaria e se formaria. Não soube mais de James.

Raul pouco conversava, isolando-se de todos e com muitos pesadelos. Nunca foi feliz, nem teve paz. Manuel o perseguiu com ódio feroz. Obsediou-o sem descanso. Até que certo dia, cansado do trabalho árduo na lavoura, sentiu-se mal e desencarnou com apenas 49anos.

Manuel, Manuela e Raul eram agora três figuras tristes a vagar pelo umbral.

Manuel e Manuela reencarnaram, prometendo casar e receber Raul como filho. Este, já recuperado, agradeceu a reencarnação, no posto de socorro, com firme propósito de viver só no Bem!

Ao término das lembranças, professor Eugênio recordou a Raul que a falta de amor afasta a todos do Bem. Manuel, Manuela e Raul voltaram às vestes carnis, mas somente Manuel não conseguiu perdoar.

Raul questionou à respeito das outras pessoas que conviveram com ele nas outras existências. Foram companheiros de viagem, caminharam para o progresso, disse o professor. Mas pelas recordações, somente os três apareceram unidos.

Eugênio recomendou ainda a Raul, não ficar triste já que "tristezas não pagam dívidas, mas somente, o Amor e o Trabalho!"

Raul, então, pede para reencarnar, voltando à Terra, como filho de Manuel, outra vez. Como havia pouco tempo de desencarnação, era necessária uma permissão especial do Ministério da Reencarnação, o que lhe foi dada.

Dentro de três meses ele voltou à Terra como filho único varão do casal Manuel e Margareth. Ficou encarnado por poucos anos, retornando ao Plano Espiritual ainda na adolescência. Teve uma irmã, Valquíria, deficiente mental, que necessitava se reconciliar com Margareth e resgatar erros comuns.

Agora como Ricardo, filho de Manuel e Margareth, vivia feliz, embora sentisse saudade de coisas que não entendia bem o que era.

Margareth, muito bonita e sempre bem-vestida, saía para visitar amigas e participava de festas. Pretinha era quem administrava a casa, tomando conta de tudo, principalmente de Ricardo e sua irmã caçula, Valquíria. Tinham três empregadas para fazer todo o serviço. Em casa, não havia brigas, e suas duas irmãs mais velhas, Taís e Teima, eram lindas e bondosas.

Quando Ricardo nasceu, Manuel sentia certa antipatia por ele, que com o passar do tempo, se atenuou. Por sinal, ele era muito parecido com o pai.

Aos 10 anos Ricardo ficou sabendo da história a respeito da morte de seu irmão e da mãe. Quis conhecer o Louco, considerado assassino de ambos, preso há anos. Sem que a família soubesse, passou a visitá-lo com regularidade, levando alimentos, roupas e sobretudo palavras de conforto. Ensinou-o a rezar e tornaram-se "amigos". Somente o delegado o ajudava em suas visitas, guardando segredo a todos.

Semanalmente, às quintas-feiras, lá estava Ricardo com o "louco", durante três anos. Até que este, com grave pneumonia, desencarnou. Antes, porém, fez questão de se despedir do "amigo".

Aos dezesseis anos, já no segundo ano do curso técnico de contabilidade, Ricardo trabalhava também no escritório do armazém de seu pai e já fazia trabalho de responsabilidade. Manuel sentia muito orgulho do filho, que era feliz por ser amado, sem entender bem o porquê. Tinha necessidade de agradar Manuel e de fazer tudo o que queria, com muito carinho. Não gostava de pensar no futuro e nem fazer planos. Sentia uma sensação de que iria partir e não sabia para onde.

Durante visita a um sítio que Manuel pretendia comprar, em meio a uma grande tempestade, um raio caiu na parte da frente da casa que visitavam e o fogo se alastrou rapidamente. Ricardo correu para ajudar o pai que se encontrava no interior dessa casa, salvando-o. Entretanto, vigas do telhado caíram sobre suas costas, ficando o jovem, muito queimado.

Joaquim e Pedro, empregados e amigos que os acompanhavam, decidiram levar Ricardo ao hospital.

Machucado, a visão nítida foi passando como num filme: estava ferido dentro de um poço, sentia dores também, estava agonizando. Fora assassinado, agora era o assassino, matara alguém, e com outra fisionomia matara seu pai.

A visão logo acabara assim como as dores e com muito esforço conseguiu balbuciar: “Perdão, perdão!” a seu pai que muito chorava.

Adormeceu e se viu deitado em um leito. Fora recebido por Margarida e Manuela sentindo -se muito amado e feliz! Recebera também a visita do Louco, agora mudado e com nome de João Felipe, que o abraçou agradecido.

Começou a frequentar aulas em que “as lições eram instruções de ensino evangélico e sobre o entendimento da vida sem o corpo físico.”

Todos os alunos, assim como Ricardo, tinham um problema em comum: sentiam muita saudade e os entes queridos choravam e chamavam por eles, fazendo-os sofrer. Tinham, porém, a certeza de que eram amados.

Reencontrou também, seu Mestre querido, Eugênio. Ele o fez recordar que fora Raul. “Duas existências tendo o mesmo Pai!”. Teve êxito como Ricardo e um retorno muito feliz à colônia. Salvou, corajosamente, seu pai. Recordou-se de sua mãe Manuela, de sua avó Margarida e assim que obteve autorização, foi morar com elas.

Ricardo foi informado por sua avó que precisariam ir à antiga casa para ajudar seu pai que pensava em suicídio. Matara um filho de quem não gostava e Deus tirara o que amava. Matou também, sua primeira esposa e fez com que um inocente, o Louco, ficasse preso até à morte, por algo que não havia cometido.

A casa estava coberta por uma névoa cinzenta, consequência de fluidos de tristeza e desesperança. Ricardo e Margarida permaneceram por lá alguns dias, para instruí-los a se conformarem com sua partida, orientando-os à prece sincera para o alívio.

“O desespero foi sendo substituído pela calma e todos pareceram melhores!” Manuel não pensava mais em se matar. Acreditando que haviam obtido êxito, o jovem e sua avó sentiram-se felizes e retornaram à Colônia.

Alguns dias se passaram e Ricardo se sentia inquieto e preocupado com o desespero de seu pai. Recebeu a visita de sua avó e de Lourenço, um dos orientadores do Educandário.

Foi-lhe oferecida a oportunidade de regressar à Terra, trabalhando entre encarnados em um Centro Espírita e auxiliar seus familiares.

Dedicaria algumas horas por dia ao trabalho em Equipe no Centro e outras restantes no seu ex-lar, consolando os seus. Foram levados em conta os fatos que envolveram a sua vida, de sua mãe e seu pai. Ricardo havia retornado ao plano espiritual sem erros, sem revolta e com muito amor. Era obediente, queria melhorar-se e desejava ajudar o próximo. Portanto teve a oportunidade de escolha, o que foi prontamente, aceita. Sua avó permaneceu algum tempo junto a ele, até que se adaptasse às novas responsabilidades. Fortaleceu-se orando com fervor, estudando os Evangelhos e confiando na amizade dos novos companheiros.

Iniciou seu trabalho de vigia no Centro Espírita e posteriormente, o socorro aos desencarnados que acompanhavam os encarnados que vinham em busca de auxílio. Acompanhado do orientador, Isaías, excursionou, também, pela parte mais trevosa dos umbrais onde fizeram socorros fantásticos.

Após quatro anos de trabalho no Centro, seus familiares melhoraram muito! O pai já pensava em assumir os negócios novamente, para a felicidade de todos. Ricardo não quis retornar ao Educandário para aproveitar, ainda mais, a oportunidade que lhe fora oferecida, para aprender a servir.

“Foi um período no qual aprendeu que com fé e honestidade se constrói muito e que a alegria do encarnado ao fazer o bem é incomparável.” Ajudou diretamente os protetores de médiuns em seu trabalho, já que este ativo, trabalha muito.

Passado algum tempo, Manuel teve um derrame que lhe deixou sequelas. Também foi constatado que era portador de doença de Chagas. Se não falava, pensava muito, orava todos os dias e pedia perdão.

Chegou o momento de Ricardo servir nas sessões práticas na Casa Espírita. Pessoalmente, conhecia e participava de todos os trabalhos e, se podia escolher, ajudava nas incorporações. Nessa ajuda, aprendeu muito.

Pediu ao Sr. Mário, responsável pelo Centro, que visitasse seus familiares. Esses, aos poucos, foram se interessando pelo Espiritismo com livros e textos que eram lidos diariamente. O clima da casa mudou, a tristeza já não deixava fluidos cinzentos e começaram a pensar na caridade, e o mais importante, a praticá-la. Manuel sofreu um segundo derrame cerebral, que lhe deixou sequelas mais graves. Entretanto, meditava nos ensinamentos que adquirira.

Durante uma das reuniões em casa, em que eram lidos e comentados os livros espíritas, Valquíria desencarnou e foi logo socorrida. Ricardo obteve permissão para visitá-la. Já recuperada, passou a fazer parte de uma equipe de ajuda aos suicidas socorristas.

A casa terrena de Ricardo modificara-se. Margareth e Pretinha passaram a frequentar reuniões de estudos e a confeccionar roupinhas e distribuí-las nos lugares pobres da cidade. A convite do Sr. Mário, certo dia, foram aos trabalhos práticos de incorporações onde Ricardo incorporou e falou a elas por meio do aparelho mediúnico de dona Ana. Choraram de emoção, de saudade e as lágrimas de resignação os aliviaram quando contaram o acontecido a Manuel. Tranquilos, oraram em agradecimento. “Ricardo vive e é feliz!” “Graças a Deus”! exclamou ele.

Manuel, embora sofrendo fisicamente, se fortalecera espiritualmente e isso era o mais importante. Iria desencarnar em breve e seu sofrimento estava curando seu espírito.

Na manhã em que completava quinze anos que Ricardo havia desencarnado, seu pai teve o terceiro derrame cerebral e passou mal. A família, em prece, acompanhou a agonia em silêncio. Isaías adormeceu o espírito de Manuel, que

parou de sofrer; os socorristas o desligaram e o retiraram do corpo, e este morreu.

Ricardo acompanhou tudo calmamente, orando com fé para que todos tivessem força diante de mais um sofrimento. Sabia que seu pai iria ficar dormindo por algum tempo...

Margareth optou por continuar na casa com Pretinha. Tornaram-se membros ativos dos trabalhos assistenciais e frequentavam todas as sessões do Centro Espírita. Eram, agora, espíritas assumidas!

Depois de quase um mês, Ricardo foi visitar seu pai que se encontrava num posto de socorro perto da crosta; um lugar de amor, pequeno, simples e bonito. Abraçaram-se comovidos, choraram e Manuel reconheceu que havia desencarnado. Participou ao filho que se sentia bem e que nada faria sem ordem ou permissão. Era grato a Deus e a todos que o socorreram.

Agora, Ricardo poderia voltar aos seus estudos e concluí-los nas esferas superiores e "levaria uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos nos anos em que trabalhou e aprendeu entre amigos no Centro Espírita.

Manuel recebeu o perdão de Manuela e conseguiu ver Raul/Ricardo, que disse amar muito. A avó esclareceu que Raul/Ricardo eram um só espírito e que teve duas reencarnações como seu filho, porque muito o amava.

Decidido estava Manuel, no mínimo espaço de tempo possível, passar a servir, aprender muito e ser útil. E sobretudo, reconciliar-se com seu próximo!

Aleluia!

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plínio J. Marafon

Jornalista – MTb nº 9.727/72

Diagramação: Denise e Fabiano Soares da Silva

Mandem-nos artigos para publicarmos.

Opiniões sobre a revista e pedidos

para recebê-la via e-mail:

dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br